

SNOW, CP. *As duas culturas e um segundo olhar*. Trad. por Renato Rezende Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

Finalmente publicada em português a tradução do pequeno livro, que desde sua primeira edição, em 1959 e da segunda edição ampliada, de 1963, vem provocando ininterruptamente reações as mais diversas entre seus leitores.

Alguns como Tony Becher(1989), no prefácio do seu livro *Academic Tribes and Territories*, declaram-se "profundamente irritados" com a "superficial e confusa polarização entre os mundos da ciência e das humanidades".

É inegável que a contraposição entre a cultura científica e a cultura humanística que o instigante livro de C.P.Snow propõe de forma irônica, muito inglesa, tocou indiscriminadamente intelectuais de todo o mundo, considerados ignorantes em ciência ou nas chamadas humanidades. Essa é uma das razões do impacto duradouro do que começou com uma conferência de Lord Snow, em Cambridge, criando e cunhando a expressão "duas culturas" para apontar diversidades entre cientistas e não cientistas. Considera que os cientistas, apesar de diferentes segundo o objetivo de sua pesquisa, têm valores, comportamentos, abordagens e suposições comuns. Entre os humanistas, a variação de atitudes seria maior, embora tenham também em comum sentimentos anticientíficos bem como a desconsideração pelo valor da pesquisa do mundo natural e suas conseqüências.

Sendo ele próprio um homem da ciência, que também se dedicou às letras, transitava pelos dois campos nos quais os componentes apresentam "imagens distorcidas" uns dos outros e dificuldades de comunicação como resultado de uma especialização excessiva e visão estreita.

Segundo o autor, os humanistas não conhecem conceitos básicos da ciência e os cientistas não tomam conhecimento das dimensões psicológicas, sociais e éticas dos problemas científicos. Essa dicotomia cultural, que traz graves conseqüências educacionais, ao ser reconhecida, causou e causa ainda ondas de indignação principalmente na academia. Melhor faria ela em analisar as suas causas e conseqüências e procurar construir pontes para tornar transponível o que separa as duas culturas, eliminando ou alterando preconceitos mútuos, resultantes de um corporativismo acentuado e defensivo cristalizado nas instituições.

Segundo Mario Vargas Lhosa, comentando o livro de Snow, em artigo publicado em um popular jornal brasileiro, em janeiro de 1993, tais diferenças acadêmicas entre literatos e cientistas serão niveladas no futuro pela "indústria audiovisual" que levará à grande massa da população todos os produtos culturais.

No entanto, aqueles que, no momento se preocupam com o papel da ciência e tecnologia como organização social não podem ignorar os problemas ainda presentes levantados por Snow no seu controvertido livro.

A obra é constituída pela palestra original, tal como foi impressa em 1959. Nela são descritas as razões de quem, trabalhando entre cientistas do porte de W.L.Bragg, convivia também com escritores, ficando impressionado pelas diferenças de visão entre os dois grupos. Chama a atenção para o fato de que os intelectuais diferem na sua ação frente a problemas cruciais da sobrevivência da humanidade frente à arte e à ciência.

No segundo capítulo, busca explicações para essa divisão existente a partir da revolução industrial; e no terceiro capítulo, analisa as relações da revolução científica com a ciência aplicada, a tecnologia e o desenvolvimento industrial.

Remete sempre a análise para os sistemas educacionais, buscando ali causas e conseqüências da visão que têm ingleses, americanos e soviéticos sobre essa revolução.

No quarto capítulo, compara países industrializados e não industrializados e trata da importância da familiaridade das crianças e jovens com artefatos e instrumentos que lhes dão maior capacidade de usar e criar tecnologia. Acaba enfatizando que há urgência de trocas entre ricos e pobres para diminuir as insuportáveis desigualdades entre eles existentes.

Na segunda parte do livro: "Um segundo olhar", escrita quatro anos após a publicação da palestra original, comenta as reações que provocou, ao tentar espicaçar seus ouvintes e leitores em relação à educação e à preocupação com a existência de sociedades favorecidas e desfavorecidas.

Relata as referências aprovadoras e recriminações, advindas de todas as partes do mundo, mesmo aquelas em línguas exóticas como húngaro, japonês, e que não conseguia entender. Conclui que tocou em pontos sensíveis de forma mais eficiente e contundente do que vários autores que fizeram tentativas semelhantes anteriormente. Explica suas reações aos elogios e insultos e sua decisão de rever o que escreveu, ao empregar o termo cultura com significado antropológico. Apesar de reiterar o acerto de sua decisão no uso do termo, apresenta dúvidas quanto à propriedade de uma divisão dicotômica estrita considerando a existência de ciência pura e aplicada e admitindo o advento de uma "terceira cultura", a partir de áreas de confluência como história social, sociologia, demografia, ciência política, economia, psicologia, medicina e arquitetura. Aceita ainda que a divisão apontada, vista principalmente sob o ângulo de alguém com experiência na sociedade inglesa, pode ter matizes diferentes em outras sociedades e correlações diversas entre os respectivos sistemas educacionais.

Volta sempre à necessidade de diminuir o sofrimento de grande parte da humanidade e ao papel da ciência aplicada e da revolução científica nessa transformação, lembrando que a responsabilidade social e individual de todo ser humano que o obriga a observar, agir e determina também seus valores morais e estéticos.

Relaciona a revolução científica e a produção literária à situação política. É interessante constatar como muitos de seus comentários foram

proféticos em relação ao futuro da "guerra fria" e à "industrialização chinesa".

Finalmente clama por uma mudança educacional que atinja a massa e cultive indivíduos que usufruam e produzam ciência e arte mas também assumam o dever de minorar o sofrimento de seus contemporâneos.

Para os leitores brasileiros, o livro encerra ainda outra matéria de importância e de extrema oportunidade no momento. O papel da ciência no atendimento às necessidades básicas que hoje é privilégio de apenas algumas nações, graças ao que foi denominado de "gigantesca convulsão da ciência aplicada". Como habitantes de um país em que a grande maioria da população vive em condições precárias de nutrição, habitação, saúde e educação, a importância de desenvolvimento cultural que libere os pobres e desvalidos do "abuso do poder individual" é assunto que deve ser examinado sob vários ângulos.

A provocação feita há trinta anos pelo autor das duas culturas mantém-se, revelando a agudeza de quem, em primeiro momento, pensou chamar a sua conferência de "Os Ricos e Pobres".

Aos educadores faz o apelo final para que cultivem mentes criativas que possam enfrentar os desafios contemporâneos, na geração e manutenção de um mundo em que haja beleza e compaixão.

Enfim é um livro que fazia falta, que não se pode ler sem reagir. Concordando ou discordando das idéias do autor "arrogante" para alguns, "oportuno e feliz" para outros, não pode ser desconhecido pelo leitor brasileiro que, agora, tem acesso a essa obra marcante.

Educadores que, em geral, tiveram treinamento e experiência de pesquisa em uma área científica, e que passando a trabalhar em educação, campo das humanidades, viveram e apreciaram muitas das experiências relatadas, embora sofram as incompreensões e aproveitem os benefícios de ambos os mundos.

A situação fronteira ou mesmo marginal dos que cuidam do ensino de ciências implica não só a obrigação de construir ligações de dupla via entre as "duas culturas", mas principalmente de contribuir para que grande parte da população tenha acesso às informações e desenvolva a capacidade para fazer a análise necessária e participar de decisões

das quais depende o futuro de todos.

Myriam Krasilchik
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo(USP)